



RELATÓRIO DE CAMPO

# Iniciativas e Organizações visitadas no Acre

19 de Outubro a 1º de  
Dezembro de 2019

---

O projeto AGENTES “Governança da Amazônia para Viabilizar Transformações em Direção à Sustentabilidade” faz parte de um Consórcio internacional vinculado ao Programa Belmont Forum. Este projeto é composto por seis universidades de quatro países – EUA, Brasil, Holanda e Suécia.

## Sumário

AUTORES.....	3
Apresentação .....	4
1. Comitê Chico Mendes, CNS e a Rede Agroecológica do Acre .....	6
2. Comissão Pró Índio –Acre e as Frentes Múltiplas de Trabalho Indígena e os Agentes Agroflorestais Indígenas (AAI).....	8
3. Embrapa Acre, WWF Acre e IPAM Acre: os Programas Sustentáveis Agrícolas e Extrativistas.....	10
3.1. Embrapa Acre .....	10
22/10/19 .....	10
3.2. WWF Acre.....	13
3.3. Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – IPAM Acre .....	14
4. Secretaria de Estado de Planejamento do Acre e Política Ambiental do Acre 14/23/10/2019 .....	14
5. PESACRE (Grupo de Pesquisas e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre, 1990 – 2018) e o Histórico dos Sistemas Agroflorestais no Acre.....	16
6. COOPERACRE (Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre), as Atividades Extrativistas e os Sistemas Agroflorestais.....	18
7. Movimento e Liderança Indígenas: História, Protagonismo e a Preocupação com as Mudanças Climáticas .....	19
8. Xapuri e a História da RESEX Chico Mendes .....	21
9. Chico Mendes e o Movimento Social dos Seringueiros - Seringal Floresta e os Sistemas Agroflorestais.....	21
9.1. Relatos sobre a história de Chico Mendes e o movimento social dos seringueiros.....	21
9.2. Visita ao sistema produtivo de Sistemas Agroflorestais.....	23
10. Assentamento Agro-extrativista Equador e as Lideranças Locais.....	25
11. Seringal dois Irmãos e os Sistemas Agroflorestais .....	26
12. Projeto RECA de Rondônia e os Sistemas Agroflorestais e Manejo Florestal Distrito Nova Califórnia (Rondônia).....	28
Considerações finais.....	32
AGRADECIMENTOS .....	33

## **AUTORES**

### **Marina Londres**

Pesquisadora de Pós-doutorado  
Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM)  
Universidade de Campinas – Brasil

### **Carl Salk**

Pesquisador principal do Projeto AGENTES  
Swedish University of Agricultural Sciences  
Universidade de Ciências Agrícolas - Suécia

### **Célia Regina Tomiko Futemma**

Professora e Pesquisadora  
Coordenadora do Projeto AGENTES  
Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM)  
Universidade de Campinas – Brasil

### **Fábio de Castro**

Professor e Pesquisador  
Pesquisador principal do Projeto AGENTES  
Centro de estudos e documentação latino americano  
Universidade de Amsterdam - Holanda

### **Daiana Carolina Monteiro Tourne**

Pesquisadora de Pós-doutorado  
Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM)  
Universidade de Campinas - Brasil

### **Eduardo Sonnewend Brondizio**

Professor e Pesquisador  
Coordenador do Projeto AGENTES – Belmont Forum  
Departamento de Antropologia  
Universidade de Indiana – Estados Unidos da América

## **Apresentação**

O primeiro trabalho de campo do projeto AGENTES na região do Acre foi realizado por Marina Londres e Carl Salk entre 19 de outubro e 1º de dezembro de 2019. Nesse período, foram feitas entrevistas com atores chave da região e visitas de campo. O objetivo desse trabalho foi coletar informações preliminares sobre iniciativas transformadoras relevantes acontecendo na região do Acre, sobre as organizações e atores sociais envolvidos e iniciar a construção de uma rede de contatos e colaboração. Reunimo-nos com representantes de organizações de diversos setores, abrangendo movimentos sociais, organizações indígenas, governo, universidades e ONGs. Os tópicos discutidos nas reuniões incluíram o papel e a história da organização em questão, processos políticos passados e presentes que afetam o uso e a mudança do uso da terra no estado, a ocorrência de iniciativas promissoras, entre outros assuntos que foram levantados espontaneamente durante as conversas. No total, visitamos 18 organizações e iniciativas nas quais nos encontramos com, pelo menos, um representante. Na figura 1, encontra-se o mapa dos locais visitados. Nas próximas seções estão apresentadas sínteses das principais iniciativas visitadas.

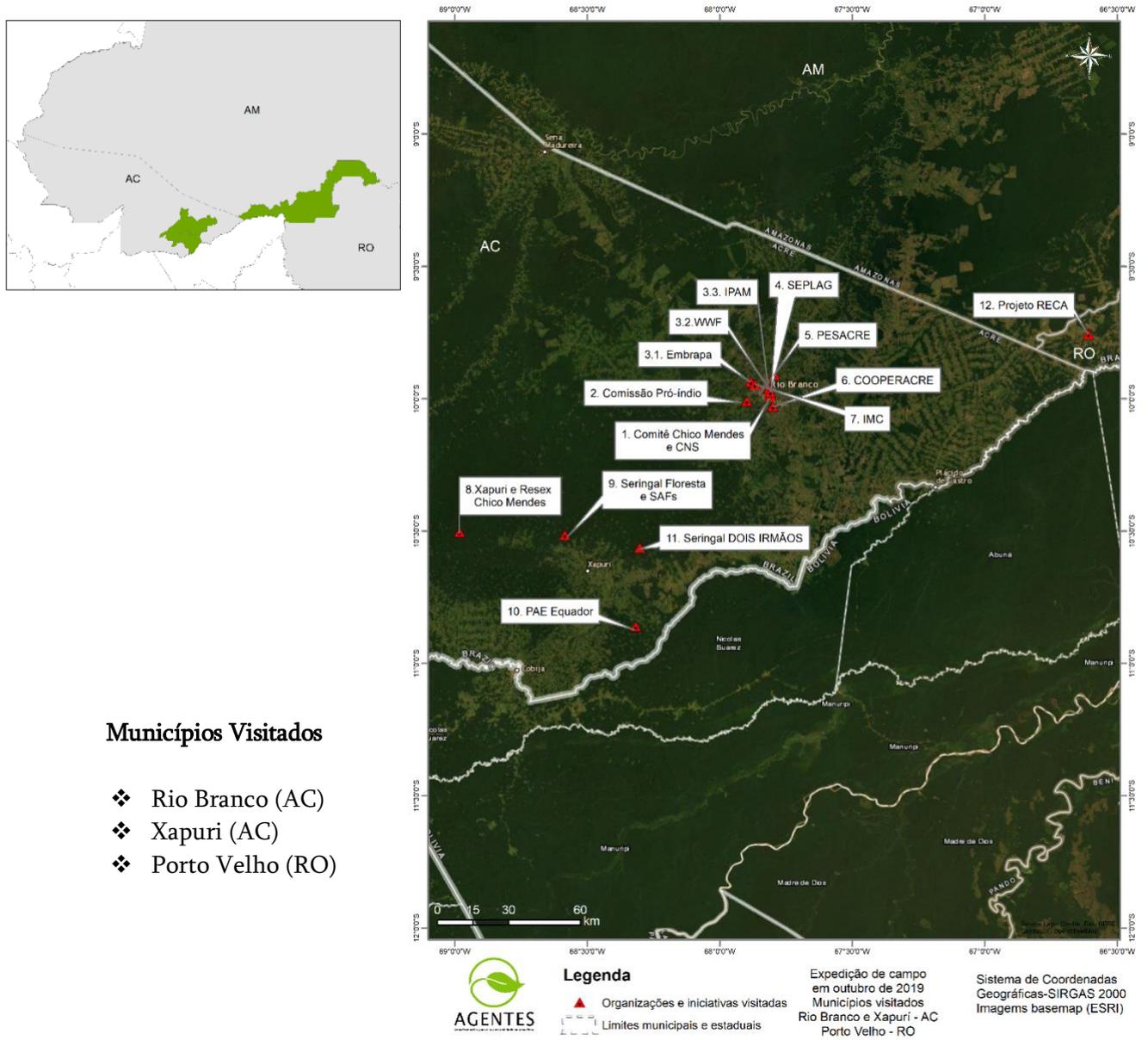


Figura 1. Mapa de localização das organizações e iniciativas visitadas (Elaborado por D.Tourne).

## 1. Comitê Chico Mendes, CNS e a Rede Agroecológica do Acre

21/10/2019

Ângela Mendes, a diretora do Comitê Chico Mendes que nos cedeu a entrevista é a filha mais velha de Chico Mendes, nascida no Seringal Cachoeira, atualmente mora em Rio Branco. Em 1994, entrou para o Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), trabalhando com organizações de base comunitária. Atualmente, ela é também membro da direção nacional do Conselho Nacional de Seringueiros (CNS). O Comitê Chico Mendes foi fundado por amigos e amigas de Chico Mendes para preservar a memória de sua militância e sua história. Hoje, o Comitê tem um trabalho forte de formação política de jovens. Um exemplo disso é a Escola Esperança do Povo II, no Seringal Cachoeira, que forma “Jovens Protagonistas da Reserva Chico Mendes”. A escola trabalha no sentido de resgatar a identidade extrativista, realizar formação política e trabalhar temas de produção sustentável. Realizam também nessa formação rodas de conversa temáticas, como “Juventude e Agroecologia”, “Iniciativas Sustentáveis”. Na escola, fazem premiação de ideias inovadoras. No Acre, está crescendo o conceito de escolas sustentáveis.

A diretora do Comitê Chico Mendes também faz parte da Rede Acreana de Agroecologia, e do núcleo de mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), que atua no âmbito de sistemas de produção biodiversos, variados, baseados nos saberes locais, adaptados às culturas e realidades de cada região e que garantem a soberania e segurança alimentar. Também mencionou sobre o Plano Estadual de Agroecologia, construído pela sociedade civil para que o governo possa apoiar as políticas públicas, e Comissão Estadual de Produção Orgânica (CEPOR).

Explicou que o CNS foi criado em 1985, com o objetivo de realizar construção, proposição e acompanhamento de políticas públicas junto às populações extrativistas. O CNS é uma entidade que representa todos esses segmentos: seringueiros, quebradeiras de coco, castanheiros, piaçaveiros, açazeiros, pescadores, etc. Também é diretora de mulheres do CNS, que articula políticas públicas para as mulheres, e movimentos sociais como Marcha das Margaridas além de projetos como “Bagagem das Mulheres da Floresta<sup>1</sup>”, e mulheres multiplicadoras, que recebem

<sup>1</sup> Projeto que visa valorização, incentivo e utilização do conhecimento tradicional de mulheres que habitam as florestas, através de oficinas de trocas de conhecimento, produção de material didático e fortalecimento dos saberes locais.

oficinas com técnicos do ministério da saúde e repassam o conhecimento para as comunidades. O Projeto “Bagagem das Mulheres da Floresta” foi interrompido, em 2016, com o impeachment da Presidente Dilma Rouseff.

Contou-nos sobre a capacidade de Chico Mendes de buscar apoio. Partindo de uma ideia e articulação de Chico Mendes, em 1987, foi criada a “Aliança dos Povos da Floresta”, envolvendo indígenas e seringueiros. *“Não tem outro caminho se não essas populações se unirem: extrativistas, quilombolas, indígenas, caboclos, ribeirinhos, quebradeiras de coco, etc”*.

Comentou sobre a importância da política estadual SISA – Sistema de Incentivos a Serviços Ambientais<sup>2</sup> (programa do governo do Acre que posteriormente virou lei) e da CEVA – Comissão Estadual de Validação, Monitoramento e acompanhamento. O SISA foi criado para garantir direitos, e dele se desdobra a Comissão Estadual de Validação e Acompanhamento (CEVA) e o Instituto de mudanças Climáticas (IMC), e o programa REDD para Pioneiros (REM), com financiamento da cooperação alemã Kfw. O SISA atua com economia de baixo carbono desde 2011. Composto de subprogramas, como “biodiversidade”, “carbono”, etc. Mencionou o a existência de conselhos do governo com a sociedade civil, criados nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), como o Conselho Estadual de Meio Ambiente e Conselho Nacional de Florestas (ambos fazem parte da sociedade civil e governo e trabalham com as políticas ambientais). Outras políticas mencionadas como importantes para a questão ambiental e social da região foram: PAA<sup>3</sup> (Programa de Aquisição de Alimentos), PNAE<sup>4</sup> (Programa Nacional de Alimentação Escolar), Plano Nacional de Populações Extrativistas e Ribeirinhas, o PRONATEC<sup>5</sup> (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), a Bolsa Verde<sup>6</sup> (subsídio a famílias extrativistas), e o SANEAR<sup>7</sup> (Saneamento básico na Amazônia; construído pelo movimento que já estava no Ministério do Desenvolvimento Social).

<sup>2</sup> <https://sisa.ac.gov.br>

<sup>3</sup> <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>

<sup>4</sup> <https://www.fnnde.gov.br/programas/pnae>

<sup>5</sup> <http://portal.mec.gov.br/pronatec>

<sup>6</sup> <https://www.mma.gov.br/mma-em-numeros/bolsa-verde>

<sup>7</sup> <http://www.memorialchicomendes.org/projeto-sanear-amazonia/>

## **2. Comissão Pró Índio –Acre e as Frentes Múltiplas de Trabalho Indígena e os Agentes Agroflorestais Indígenas (AAI)**

21/10/2019

A visita aconteceu no escritório da CPI, que fica um pouco fora da cidade de Rio Branco, e onde funciona o centro de treinamento dos Agentes Agroflorestais Indígenas. Foram entrevistados dois indigenistas da CPI, também mostraram-nos o Centro de Documentação Indígena, uma verdadeira biblioteca de obras indigenistas e de pesquisas, experimentos, monografias feitas por estudantes indígenas. O espaço é também usado de apoio a lideranças indígenas que vão a Rio Branco e como um centro de reuniões para os movimentos indígenas do Acre.

Depois que nos apresentamos propriamente e apresentamos o projeto AGENTES, a primeira pergunta que nos foi feita foi se temos conhecimento de outras propostas similares à nossa, e indicaram, para possíveis sinergias, os seguintes projetos/grupos e redes que desenvolvem estudos e levantamentos similares ao nosso: (1) Mapeamento de Iniciativas do Instituto Socioambiental (ISA<sup>8</sup>, Construção desse conhecimento: fortalecer e criar redes); (2) Rede de Cooperação da Amazônia (RCA<sup>9</sup>, composto por organizações indígenas e apoiadores de indígenas); (3) Grupo Geográfico Transfronteiriço da Amazônia Sul e Sul-Occidental – GETASO; e (4) Rede Amazônia de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG<sup>10</sup>).

Explicaram que a CPI- Acre é estruturada em três programas e três setores, sendo esses - **Programas:** (1) Educação e pesquisa indígena; (2) Gestão territorial e ambiental; e (3) Políticas públicas e articulação regional. **Setores:** (1) Georreferenciamento (laboratório); (2) Administrativo e financeiro; e (3) Documentação indígena.

O Acre tem 35 Terras Indígenas (TIs), e a CPI trabalha com aproximadamente 21 TIs. Segundo eles, a formação de indígenas é uma das frentes mais inovadoras e transformadoras que a CPI está envolvida. Após a demarcação de terras, conquista dos territórios, em 1983 surgiu o

<sup>8</sup> <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa>

<sup>9</sup> <https://rca.org.br>

<sup>10</sup> <http://raisg.socioambiental.org>

trabalho de educação de indígenas. Com o surgimento de cooperativas para comercializar produtos da floresta e se emancipar dos colonizadores no contexto de conquista das terras, houve a necessidade de formar lideranças indígenas jovens para que esses não fossem enganados e para que pudessem conhecer seus direitos. Surgiram, com esse propósito, as Escolas Indígenas, na perspectiva de “escolas multiculturais”, com o princípio de permitir aos próprios indígenas a autonomia de processos educativos para seus pares. Em 1996, iniciou-se o processo de formação de Agentes Indígenas de Saúde e, em 1992, Agentes Agroflorestais Indígenas (AAI). O aspecto político desses programas de formação, possibilita-os proporcionar o entendimento dos indígenas sobre os mecanismos do Estado, como participar, incidir no Estado e quais são os temas de uma agenda pública. Os AAI atuam como mediadores interculturais, o que se constitui um ganho histórico, pois são atores muito estratégicos no fortalecimento da causa indígena em todo o estado do Acre.

O programa de formação de Agentes Agroflorestais Indígenas (AAI), em linhas gerais, é estruturado da seguinte forma: (1) Cursos presenciais no centro de treinamento da CPI-Acre; (2) Oficinas realizadas nas Terras Indígenas (reúne com as comunidades para discutir uma série de questões); (3) Intercâmbio/conhecimento em rede (professores indígenas e AAI visitando outras TIs); e (4) Trabalhos individuais dos AAI como pesquisadores (experimentos, saberes e práticas de sua cultura). A CPI também trabalha com etnomapeamentos, mapeamentos participativos para pensar governança e decisões dos territórios, o que, entre outras funções, auxilia no desenvolvimento de Planos de Gestão Territorial e Ambiental (acordos sobre o manejo, as discussões sobre os entornos das TIs, e projetos para pensar o território). Realizam Seminários de Políticas Públicas que reúne lideranças de 22 TIs, onde também abordam os temas (1) gênero, (2) juventude (“*Quem vai manter esses territórios? Os jovens estão identificados com essas questões? Essa turma que vai segurar as TIs*”), e (3) cultura (como agregador dos jovens, festivais indígenas, pajelança, arte indígena, pinturas, artesanatos, etc).

Explicaram que os governos acreanos do Partido do Trabalhadores (PT) dialogaram bem com as causas indígenas. Em 2010, foi fundado o programa ProAcre, com componente indígena para dar apoio a gestão de TIs. Nesse mesmo ano, também foi criado o SISA, com programa de apoio à causa indígena, dando início à bolsa dos AAI, proporcionando reconhecimento e fortalecimento dos AAI, na perspectiva de autonomia, e de não depender de técnicos da

EMBRAPA, EMATER, etc. Em 2017, o Programa de Bolsas de Apoio à Formação Profissional do Agente Agroflorestal Indígena se torna Lei (Lei No 3.357, de 18 de dezembro de 2017), decretada pela Assembleia Legislativa do Estado do Acre e sancionada pelo então Governador do Partido dos Trabalhadores Tião Viana.

### **3. Embrapa Acre, WWF Acre e IPAM Acre: os Programas Sustentáveis Agrícolas e Extrativistas**

#### *3.1. Embrapa Acre*

22/10/19

Quem nos cedeu a entrevista foi o Dr. Eufraan Amaral, Chefe Geral da EMBRAPA Acre (exerce o cargo desde 2013). Explicou-nos que a EMBRAPA Acre trabalha com as seguintes frentes: (1) Floresta; (2) Pecuária; (3) Fruticultura e plantas medicinais; (4) Solos e agricultura; (5) Grupo de transferência de tecnologia; (6) Trabalho com Terras Indígenas em parceria com a FUNAI; e (7) Trabalho com agroflorestal, silvicultura de nativas (seringueira), e açai (*Euterpe oleracea*).

Explicou a importância que teve para o estado os cinco mandatos seguidos do Partido dos Trabalhadores no governo do Estado do Acre, no sentido de proporcionar “produção conservacionista” em escala para o estado e dar tratamento digno aos povos da floresta (seringueiros, indígenas, comunidades locais). Ele contou que nestes últimos 20 anos muitas iniciativas promissoras foram desenvolvidas e proliferaram no Acre. Por Exemplo, a produção agroflorestal, que não foi adotada em grandes propriedades, mas se espalhou por pequenas propriedades, principalmente familiares. Comentou a importância de se registrar as iniciativas promissoras para que possam ser mais amplamente replicadas.

Comentou também que a fábrica de preservativos<sup>11</sup> sediada no município de Xapuri/AC, foi uma solução muito promissora para agregar valor ao produto florestal (látex da seringueira, *Hevea brasiliensis*), e gerar empregos diretos e indiretos, tendo sido a questão logística de produção e escoamento de produção resolvida com eficiência, através de postos de recolhimento da produção que se ligavam à fábrica. A produção da fábrica de preservativos, era absorvida pelo Ministério da Saúde, e segundo ele, o fato de a fábrica ter um único cliente, a torna mais vulnerável do ponto de vista do mercado.

*“O primeiro governo do Jorge foi o que ele chamou de governo dos povos da floresta, então na verdade ali a gente vê uma expressão política baseada na conservação, onde seringueiro, índio, ribeirinho viria a ter a mesma voz do produtor que está na beira da estrada, do médio ou grande pecuarista, e ele estabelece ali que iria ter uma ferramenta de gestão territorial que era o zoneamento ecológico-econômico, em um ano ele fez o zoneamento, a primeira versão, na uma escala de 1 para 1 milhão, é uma visão geral do Estado, mas já permitiu estabelecer algumas políticas, o programa de desenvolvimento sustentável do Estado. (...) em 2000, já começa a segunda etapa do zoneamento, em uma escala de 1 para 250 mil, demorou 7 anos, em 2007, então, o zoneamento se transforma em lei e agora em uma escala de 1 para 250 mil, então você consegue ver agora em uma escala já mais detalhada e já consegue ver o município, por exemplo”* (Diretor Geral da EMBRAPA Acre).

Comentou também sobre a importância estratégica do Zoneamento Ecológico e Econômico do estado (ZEE), com foco em gestão territorial que desencadeou uma série de políticas, entre elas o SISA – Sistema Estadual de Incentivo a Serviços Ambientais. Nosso entrevistado, Dr. Eufran Amaral, que hoje é Chefe Geral da EMBRAPA-Acre, foi Secretário de Meio Ambiente do Estado do Acre (2007-2010), e diretor-presidente do Instituto de Mudanças Climáticas e Regulação de Serviços Ambientais do Acre no período de 2011 a 2013, tendo participado ativamente na

<sup>11</sup> Inaugurada em 2008, pelo então governador Binho Marques. Chegou a gerar 170 empregos diretos, envolveu 700 famílias extrativistas do látex, e produziu 100 milhões de camisinhas anualmente, representando 20% do mercado de camisinhas distribuídas gratuitamente no Brasil.

construção do SISA. Explicou que o então o Sistema de Incentivo a Sistemas Ambientais só foi possível graças ao ZEE, a partir de 2007 o governo do estado, a partir do Instituto de Mudanças Climáticas (IMC) começa a estabelecer referenciais, em diversas consultas públicas, sobre como o SISA deveria funcionar, e em 2010 o então governador Binho Marques sanciona a lei do SISA que estabelece o primeiro sistema subnacional do Brasil. Na gestão do governador Tião Viana, o SISA é materializado, e compreende, até os dias de hoje, uma referência em pagamentos ambientais no país. Segundo ele, o SISA foi criado para garantir direitos e surgiu a partir do ZEE, e foi construído ao longo de três anos por uma ampla consulta pública. Para garantir direitos de quem tradicionalmente não poderia ter seus direitos garantidos, garantindo direitos ao seringueiro, ribeirinho, índio, produtor familiar, porque o grande produtor tem condições financeiras para pagar um projeto de serviço ambiental, contratando um consultor, já o seringueiro dificilmente teria condições de fazer esse procedimento sozinho na sua colocação. O Instituto de Mudanças Climáticas (IMC) é responsável por fazer a regulação do sistema, estabelecendo as regras, monitorando, supervisionando. Do outro lado, foi criada a Companhia de Desenvolvimento de Serviços Ambientais, que é uma empresa pública de direito privado, uma vez que “quem faz as regras não podia fazer o negócio”. O IMC se vincula ao à Comissão de Validação e Acompanhamento (CEVA), que é uma comissão igualitária, sendo metade governamental e metade não governamental e uma instância deliberativa, ou seja, qualquer das ações do IMC passam por essa comissão. O IMC também se vincula a um comitê científico (onde o professor Carlos Nobre participa) afim de assessorar o instituto em ações que o mesmo não tem competência, ou seja, em determinadas questões, o comitê científico auxilia. Para além do componente de governança, o SISA procurou não trabalhar só com carbono, mas incluir também um leque de serviços ambientais que inclui conhecimento tradicional, territórios indígenas, água e recurso hídricos para citar alguns exemplos. Assim, cada serviço ambiental desse veio a ser um subprograma em si.

*“Serviços ambientais não podia simplificar floresta a carbono, então o SISA estabelece pelo menos seis serviços ambientais<sup>12</sup> que inclui carbono, mas inclui*

<sup>12</sup> Serviços ambientais do SISA: Carbono Florestal, Sociobiodiversidade, Recursos Hídricos, Regulação do Clima, Valorização Cultural, Conhecimento tradicional.

*também, por exemplo, conhecimento tradicional. Pois bem, então o Estado do Acre, nos últimos 20 anos tem toda essa história de relação com a conservação”* (Diretor Geral da EMBRAPA Acre).

*“A partir de janeiro de 2019, quando assume o governador Gladson Cameli, na reforma administrativa, começa um processo de desmonte do SISA. Só que quando você acaba com uma política, você não volta com ela facilmente, tem que restabelecer toda governança, aos estudos de mudanças climáticas tem a vinculação a comissão Estadual de validação e acompanhamento, tem os conselhos, tem o comitê científico, uma série de coisas que tem que estabelecer. Essa gestão estabelece como foco agora do estado, da gestão estadual é o agronegócio, então, o foco é o quê? Alta produção e com base em grãos, a soja seria grande, o carro chefe para o desenvolvimento do Estado, e não estabelece nenhuma política para povos tradicionais, produção familiar, ou seja, a produção agora é pautada em pecuária e grande produção, pelo menos o que foi apresentado até agora. E nisso, nesse cenário é que a gente vê que a gente precisava ter essas experiências mapeadas, essas experiências referenciadas, essas experiências duplicadas para sair da questão da escala pequena, quer dizer, aumentar a amplitude de política pública”* (Diretor Geral da EMBRAPA Acre).

### 3.2. WWF Acre

23/10/2019

Nosso entrevistado que é parte da equipe do WWF-Acre nos contou um pouco sobre a atuação da WWF no Acre, que iniciou em 2001. Contou que a WWF desenvolve projetos com comunidades locais, entre eles os mais relevantes são os acordos de pesca (pirarucu, *Arapaima gigas*), o manejo madeireiro, e o manejo não-madeireiro do óleo de copaíba (*Copaifera langsdorffii*). A organização trabalha no sentido de dar escala para as ações que deram certo, ampliando para outras Reservas Extrativistas, e outras regiões na Amazônia. Nesse sentido, a WWF estabelece parcerias com comunitários, usuários da floresta, Terras Indígenas, governo e cooperativas, e está envolvida na formação de jovens extrativistas (liderado pelo Comitê Chico Mendes). Citou o projeto “Paisagem de inovação sustentável no Acre” da WWF, que envolve

cadeia do açaí, cadeia da borracha, formação com as escolas rurais do município de Feijó/AC (professores), acordos de pesca no Rio Envira e Rio Tarauacá, e Componente de Governança.

### *3.3. Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – IPAM Acre*

24/10/2019

O IPAM trabalha há mais de 20 anos no Acre, há alguns anos, tem um escritório pequeno em Rio Branco (capital) com uma equipe de dois a três funcionários. Nossa entrevistada é coordenadora de atividades locais do IPAM. Explicou-nos que, no Acre, o IPAM desenvolve projetos para apoiar o governo e a sociedade civil, apoiar a construção e atualização dos dados do ZEE (Zoneamento Ecológico e Econômico), com atualização da base cartográfica, faz parceria com o Ministério Público Federal do Acre com o objetivo de apoiar e monitorar o plano de controle de desmatamento.

## **4. Secretaria de Estado de Planejamento do Acre e Política Ambiental do Acre**

23/10/2019

Nosso entrevistado é funcionário concursado do estado, de forma que participou ativamente de governos de diferentes mandatos. Forneceu-nos uma perspectiva detalhada sobre a contribuição de cada um dos governos anteriores (principalmente a partir de Jorge Viana) para a questão florestal e ambiental do estado.

Embora a Lei de Política Ambiental do estado do Acre tenha sido instituída em 1994, antes dos governos do Partido dos Trabalhadores, o Acre, historicamente, sempre esteve em mãos de governos oligárquicos, que representavam apenas os interesses de grandes fazendeiros.

Jorge Viana (governador entre 1999 e 2007) – Engenheiro Florestal que assumiu o governo do Acre em 1999, e “deu uma guinada de 360º, os governos anteriores sempre estiveram virados de costas para a questão extrativista florestal”. No Acre, as florestas são habitadas, e anteriormente, essas populações que residem nas florestas e áreas rurais eram totalmente desassistidas, com a queda do ciclo da borracha, ficaram abandonados. Jorge Viana tinha o lema que “Nosso maior patrimônio é a floresta” (que vinha sendo substituída por gado). Assim, inaugurou o conceito de “Florestania” – levar cidadania para os moradores das florestas. Reestruturou o serviço público

para atender a proposta de Estado. Criou a Fundação de Tecnologia do Acre – FUNTAC, e a Secretaria de Estado de Planejamento - SEPLA. Foram criadas por Jorge Viana também a Secretaria Estadual da Floresta, a Secretaria Estadual Extrativistas e a Secretaria Estadual de Produção Familiar, além do conjunto de Leis e instituições para trabalhar com a floresta. No segundo mandato, Jorge Viana investiu na produção florestal, agroflorestal, madeira, fruticultura e produtos florestais não madeireiros (PFNMs). Estruturou os polos madeireiros e o Estado construiu polos de produção: fábrica de camisinha, fábrica de piso, indústrias madeireiras (em Tarauacá e Cruzeiro), e usina de Castanha do Pará junto à COOPERACRE em Xapuri (AC). Explicou que essas medidas transformaram a economia do Acre: em 2019, foram exportados 9.3 milhões de dólares em madeira, e 5 milhões de dólares em castanha do Pará, que somados compreendem 50% de exportação do estado. Nesse período, Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES<sup>13</sup>) financiou estruturas de produção, saúde e educação no campo. Ainda assim, os governos de Jorge Viana não se opuseram ao setor da pecuária do estado, que segundo o entrevistado, é composta uma das melhores qualidades genéticas do Brasil.

Binho Marques assume o governo em 2007 e fica apenas um mandato por opção (até 2010). Muito respeitado, teve também alta aprovação, procurou dar um caráter social para seu governo. Criou os Planos de Desenvolvimento Comunitários (PDCs), onde procurou ouvir as comunidades, promovendo diagnósticos social, cultural, econômicos e de produção. O PDC identifica iniciativas presentes nas comunidades e entornos, registradas como potencialidades e fragilidades. Diante do documento construído, pelo governo do Estado em parceria com organizações estratégicas (ONGs, CTA, PESACRE, CPI), retornam à comunidade para fazer a validação das ações que serão financiadas. Fundou também o ProAcre<sup>14</sup>, que desenvolvia ações com comunidades remotas (indígenas e não indígenas) do Estado, promovendo a cidadania, com expedição de certidões de nascimento, registro geral e outros documentos. O programa Saúde Itinerante<sup>15</sup> foi inovador com construção de barcos adaptados e com equipes de saúde da família, que, sistematicamente, atende comunidades que antes tinham que se deslocar, por dias, até o município mais próximo. Binho Marques é reconhecido por ter deixado vários legados importantes.

<sup>13</sup> <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home>

<sup>14</sup> <https://agencia.ac.gov.br/proacre-um-programa-para-o-povo-do-acre/>

<sup>15</sup> <http://www.al.ac.leg.br/leis/wp-content/uploads/2017/12/Lei3352-1.pdf>

Tião Viana (governador do Acre 2011-2019): médico do estado, especialista em doenças tropicais; professor universitário. Também do Partido dos Trabalhadores, mas seu governo se diferenciou dos governadores anteriores por dar menos ênfase ao setor florestal “Manteve um pouco a parte florestal, mas não deu muito certo”. Uma figura muito política, investiu na produção em maiores escalas, como as cadeias da suinocultura e avicultura, e em um projeto ambicioso de piscicultura (Peixes da Amazônia), que não avançou. Extinguiu a Secretaria da Floresta, em 2012, e não continuou investindo em umas das principais marcas do estado que era a questão florestal. Ainda assim, em seu governo, o então Secretário de Meio Ambiente, Eufran Amaral (que agora é chefe da EMBRAPA), criou uma estrutura para o Estado vender carbono: o IMC – Instituto de Mudanças Climáticas e a companhia de Desenvolvimento de Serviços Ambientais. Sob a Lei de Sistemas Ambientais, o SISA estabeleceu o Fundo Florestal, que pode receber recursos internacionais, tendo tido sua primeira ‘doação’ para o Estado pela cooperação alemã, GIZ, Kfw; depois através do REM (REDD para pioneiros), foram feitas doações da Kfw e do Estado da Califórnia (EUA). Em 2012, foram arrecadados 30 milhões de euros, para apoiar projetos em escala local, e para as instituições governamentais do programa se fortalecerem. Nesse sentido de políticas para REDD, o governo do Estado estava mais adiantado que o governo federal.

Gladson Cameli (Governador desde 2019), alinhado com o agronegócio.

## **5. PESACRE (Grupo de Pesquisas e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre, 1990 – 2018) e o Histórico dos Sistemas Agroflorestais no Acre**

25/10/2019

Nosso entrevistado participou da coordenação do PESACRE de 2007 a 2018. Atualmente é gerente do CEASA, ligado à prefeitura de Rio Branco. O PESACRE – Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais no Acre - foi fundado em 1990 e, recentemente, deixou de funcionar, tendo deixado um legado importante para a região. O PESACRE, em parceria com Parque Zoobotânico da UFAC (Universidade Federal do Acre), trouxe o conceito de SAF (Sistemas Agroflorestais) para o estado, sendo que o PESACRE trabalhava mais o conceito de SAF olhando toda a propriedade, uso múltiplo, PFM, agricultura, etc. Nessa questão de uso

múltiplo da floresta, atuava junto o CTA<sup>16</sup> (Centro de Trabalhadores da Amazônia), uma das ONGs mais antigas do Acre que trabalhava com a questão extrativista comunitária.

O PESACRE trabalhou muito com metodologias participativas, com a questão de gênero, manejo da fauna silvestre para alimentação (manejo da caça para subsistência), PFNM (sementes para artesanato, artesanato com os índios Apurinãs). Com cada comunidade, discutia a implementação de uma estratégia – dimensão transversal, no sentido de gerar fortalecimento institucional, organização social, gênero, manejo sustentável dos recursos naturais com enfoque em PFNM, produção agropecuária (pequenos animais), SAF como uma das estratégias de produção sustentável. Compondo um “mix” de fonte de renda da comunidade. Atuou no Programa de Certificação de Propriedade Rural. A instituição teve participação de três conselhos: Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural e Florestal Sustentável; Conselho de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional; participava no CONSEA nacional, representando a ANA (Articulação Nacional de Agroecologia) Amazônia e Nacional. Ajudaram a construir, junto a movimentos sociais, Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER).

Mencionou que, em 1999, com a entrada do governador Jorge Viana (PT), teve início os Governos de Coalizão, ou “Frente Popular do Acre” inaugurando uma nova perspectiva de desenvolvimento do Acre, que envolveu, por exemplo, a Política de Valorização do Ativo Ambiental Florestal, o PDC – Plano de Desenvolvimento Comunitário (sob o governo de Binho Marques) que proporcionou diagnósticos participativo, planos de desenvolvimento, apoio e assistência técnica, com atuação em mais de 200 comunidades. Estiveram envolvidos na execução do PDC: CTA, PESACRE, SOS Amazônia, e CNS.

<sup>16</sup> <https://brazilfoundation.org/project/centro-de-trabalhadores-da-amazonia-cta-center-for-amazonian-workers-2/?lang=pt-br>

## **6. COOPERACRE (Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre), as Atividades Extrativistas e os Sistemas Agroflorestais**

28/10/2019

Nosso entrevistado é nascido e criado na Reserva Extrativista Chico Mendes, foi seringueiro e hoje é superintendente, gestor, e coordenador geral da COOPERACRE. A COOPERACRE é uma central de cooperativas e associações formada por produtores e extrativistas. Criada em 2001, à época envolvendo 150 famílias. Nos explicou que a COOPERACRE tem origem e uma forte relação com a história de Chico Mendes, no que tange a defesa da floresta, a luta para busca da comercialização dos produtos da floresta, o movimento social dos extrativistas, os sindicatos de trabalhadores rurais, etc. Estabeleceram parcerias com diversas organizações, incluindo os movimentos sociais (dentre eles, o CNS), as ONGs, e os governos nos mandatos de Jorge Viana, Binho Marques e Tião Viana.

Traz a bandeira de uma luta, tinha que trabalhar com algo que fosse o mais desburocratizado possível, trazer renda para os produtores, diversificar a produção – castanha do Pará, borracha (abril-julho), frutas (novembro-dezembro). Procuraram buscar melhores preços e garantias de comercialização. Segundo ele, a infraestrutura de acesso (qualidade das estradas que levam às propriedades) ainda é uma dificuldade para agricultura familiar. No setor de polpas, a origem do produto é a agricultura familiar e os Sistemas Agroflorestais, que compõem reflorestamentos em um modelo produtivo. A COOPERACRE compra 60% da produção de toda a castanha, e com isso regula o preço da castanha em toda a região. Agora, há dois anos (2017), foi firmado um contrato muito promissor e de venda da borracha para uma empresa francesa (sem precedentes desde que a economia da borracha colapsou depois da segunda guerra mundial). Esse acordo comercial tem como diretrizes o respeito a valorização do trabalho dos seringueiros, gerando em torno de 300 empregos diretos. São 1.903 famílias associadas nas cooperativas singulares que compõem a COOPERACRE (central de cooperativas). Exportam para oito países, incluindo distribuição na Arábia Saudita.

O Projeto Fundo Amazônia financiou a instalação de câmaras frias locais, pontos de compra, reflorestamento por SAF. Mas, em 2019, esse Fundo foi cortado pelo atual governo federal.

## 7. Movimento e Liderança Indígenas: História, Protagonismo e a Preocupação com as Mudanças Climáticas

29/10/2019

Shawandawa. “*Herança de uma mulher que lutou por nossa terra*” que é sua avó. Nossa entrevistada foi uma liderança feminina indígena que atua há muito tempo no movimento, que trabalha, desde Julho de 2019 no governo do Acre a partir do Instituto de Mudanças Climáticas (IMC). Internacionalmente, participou da Revisão Periódica Universal (RPU<sup>17</sup>), das Nações Unidas. Expressou que o melhor do Acre é a governança dos indígenas e que a CPI- Acre teve um papel chave nesse processo, uma vez que atuou de forma a formar lideranças indígenas, informar e proporcionar espaços para fortalecer o movimento indígena através de reuniões e articulações.

De acordo com nossa entrevistada, no Acre, os indígenas e indigenistas interpretamos a história em quatro partes:

1. O tempo das malocas (antes da chegada dos brancos e colonizadores).
2. O tempo do cativo, com a chegada dos brancos, no Acre coincide com o ciclo da borracha;
3. O tempo correrias, quando os índios eram obrigados a trabalhar para os patrões seringalistas;
4. O tempo dos direitos, década de 1970, quando começaram as demarcações das terras indígenas, 34 Terras Indígenas no estado, 16 povos, cada um com sua língua, 20 mil indígenas. Cooperativas indígenas, direito à terra, direito à educação. “*Antes, nós não éramos vistos nos mapas do estado para o Acre, a gente não existia*”.

Assim, o “tempo de direitos” foi marcado também pela implementação de algumas políticas que favoreceram a causa indígena, dentre elas:

- 1983: Política de Educação Escolar Intercultural, bilíngue, específica e diferenciada: “tempo de se expressar”.

<sup>17</sup> <https://nacoesunidas.org/revisao-periodica-universal-perguntas-e-respostas/>

- 1997: Política de Gestão Territorial e Ambiental do Acre, das 34 Terras Indígenas, 29 têm o Plano de Gestão que se tornou a PENAGATI (política nacional).

- Políticas do Clima e Conferência das Partes.

- 1999: O movimento indígena, já fortalecido, cria a União das Nações Indígenas do Acre e Sul do Amazonas – UNI. Em 2006, UNI entra em falência porque assumiu projetos grandes, assumiu a questão da saúde indígena.

- 2006: É fundada a primeira Secretaria Indígena do Acre, que depois vira Assessoria (deixa de ser secretaria).

- 2010: SISA, promove 28 oficinas, grupos de trabalho indígena.

- 2012: vem o recurso do SISA; grupo de trabalho, câmara temática indígena para trabalhar com governança indígena, discute o rumo das prioridades, formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas (hoje o Acre tem 190 agentes AAI formados e atuantes).

- Força Tarefa dos Governadores – GCF. Em 2016, os Indígenas começaram a participar do Comitê Global Indígena.

- 2016: elaboram a Carta de Princípios dizendo como os governadores devem tratar a questão indígena.

*“Criamos a Salvaguarda, a carta de princípios, através desses documentos, dentro do acordo de Paris: itens 6 e 7, acordo de respeitar os direitos indígenas (participação de indígenas do Acre). Temos espaço nas conferências do clima, COP, partes”.*

## **8. Xapuri e a História da RESEX Chico Mendes**

25/10/2019

A primeira liderança que entrevistamos em Xapuri/AC é residente da Reserva Extrativista Chico Mendes, seringueiro, foi presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri duas vezes e hoje é coordenador local da COOPERACRE em Xapuri. Ele contou sobre as cinco Associações Concessionárias que compõem a Resex Chico Mendes. AMOPREX é uma delas, na qual foi presidente duas vezes. Contou do conselho deliberativo da Resex, que fazem parte a prefeitura, os sindicatos de trabalhadores rurais (um por município), as associações (uma por município), o ICMBio e a universidade (UFAC). Explicou sobre o sistema de governança estabelecido nos núcleos de base (nível comunidade), afunilando para associações (nível municipal) e posteriormente conselho (nível Resex). Disse que o manejo madeireiro comunitário na Resex não é economicamente viável: falta qualidade e infraestrutura para escoar a madeira a um custo mais viável (ramais, pontes, etc). Disse que as pesquisas que se desenvolveram na Resex pelas universidades (mestrado, doutorado, etc) não ajudaram a trazer soluções para a reserva. Ao ser perguntado quais soluções promissoras existem na Reserva Chico Mendes, ele falou que acordo comercial da borracha entre a COOPERACRE e a empresa francesa de sapatos, a “Vest/Veja” consistiu em uma solução muito promissora de conservação da floresta e aumento da renda local. Segundo esta liderança local, a COOPERACRE é uma das maiores soluções. Os SAFs desenvolvidos, experimentados pelos seringueiros estão dando muito certo, reflorestando, gerando renda, e a COOPERACRE tem capacidade de absorver todos os produtos: castanha, borracha, frutíferas.

## **9. Chico Mendes e o Movimento Social dos Seringueiros - Seringal Floresta e os Sistemas Agroflorestais**

25-26/10/2019

### *9.1. Relatos sobre a história de Chico Mendes e o movimento social dos seringueiros*

No Seringal Floresta que se encontra no interior da Resex Chico Mendes, a liderança que nos concedeu uma entrevista e visita à propriedade é primo-irmão de Chico Mendes, tendo participado lado a lado de Chico durante a luta dos seringueiros pela conquista aos direitos e à

terra. Na época, segundo ele, tudo era mais difícil: as colocações eram isoladas, os ramais (estradas de terra) precários, andava-se a pé, ou de burro/cavalo, não tinha telefone. Para marcar reuniões, eles não podiam usar o rádio, afim de não expor as articulações do movimento aos seus opositores (grileiros e fazendeiros). Assim, as reuniões eram convocadas por bilhetes, enviavam por companheiros que transitavam pelos ramais entre seringais, que estavam indo e vindo, tanto em se tratando de reuniões em Xapuri quanto em um dos seringais. Ele contou que, aos 14 anos, Chico Mendes não sabia escrever, mas que um fugitivo da Coluna Prestes vindo da Bolívia foi parar na casa de Chico Mendes, onde ficou escondido por seis meses. Nesse período, o fugitivo comunista não só ensinou Chico Mendes a ler e escrever, mas também trouxe com ele livros sobre socialismo, comunismo, lutas de classe, revolução, organização dos trabalhadores, teorias marxistas, sendo que no processo de ensinar a escrita, ele ensinava e debatia com Chico todas essas questões. Alguns anos depois, vieram para a região padres da Teoria da Libertação, as Comunidades Eclesiásticas de Base, e nas palavras dele, *“foram de enorme contribuição para a nossa organização”*. Por volta dos anos de 1970, a Confederação Nacional dos Trabalhadores (CONTAG<sup>18</sup>) enviou delegados para orientar na formação dos sindicatos de trabalhadores rurais. Dessa forma, a organização de luta foi se estabelecendo no momento em que os fazendeiros do sul/sudeste do país vinham com seus capangas para o estado do Acre, derrubando e queimando florestas, e expulsando seringueiros de seus territórios. Expressou que, nesse processo, os seringueiros expulsos iam para as cidades enfrentar o desemprego e a miséria. Até que em um determinado seringal, perto de Brasiléia, os seringueiros fizeram o primeiro “Empate” que foi bem sucedido, uma vez que o então fazendeiro *“recuou com seus capangas”*. A partir de então, Chico Mendes começou a organizar os seringueiros para fazer Empates nos lugares onde os fazendeiros tentavam entrar desmatando. Contou-nos que Chico Mendes era muito motivado e carregava uma revolta em função do tratamento que os seringueiros recebiam dos patrões no tempo da borracha e depois. Contou-nos também sobre a habilidade de Chico Mendes em fazer alianças com atores de fora, incluindo antropólogos, jornalistas, e lideranças de outros movimentos sociais. Nos anos de 1980, Chico Mendes viajou para São Paulo, e voltou entusiasmado com o Sindicato dos Metalúrgicos e sua

<sup>18</sup> <http://www.contag.org.br>

principal liderança, Luiz Inácio Lula da Silva. Dois anos mais tarde, Chico Mendes e outras lideranças fundaram o Partido dos Trabalhadores no Acre.

## 9.2. *Visita ao sistema produtivo de Sistemas Agroflorestais*

Fomos apresentados ao sistema silvipastoril de pasto semi-sombreado, onde o produtor argumentou ser viável reflorestar e ao mesmo tempo ter pasto para seus animais: “*em um sistema desses você consegue criar aí suas 40-50 cabeças de animal, associando o reflorestamento com sua criação*”. Em uma área degradada onde antes tinha sido derrubada para fazer roça (onde plantava arroz, feijão, mandioca, milho) e estava uma capoeira, ele fez um reflorestamento com as espécies que dão dinheiro, como a borracha, a castanha, frutíferas e depois colocou vacas de leite dentro do mesmo sistema.

Mostrou-nos também um outro plantio mais novo, que estava com três anos, consorciando banana, seringa, castanha. A cada duas fileiras de castanha ele planta uma de banana, e entre essas, fileiras de abacaxi. “*E essa área aqui todinha (do outro lado) está cheia de seringa, roça, eu aproveitei para fazer uma experiência e colocar roça, que é macaxeira, botar de novo dentro das praças (entre fileiras), e está dando certo, está dando uma macaxeira muito boa, tem bastante macaxeira aqui*”.

“*Se a nossa companheirada tomar compreensão juízo na cabeça e criar força de vontade, dentro da reserva não tem problema de se viver, aqui é o lugar onde você tem condição de viver farto com a barriga cheia, com o corpo coberto com suas roupinhas, calçado, tranquilo aqui dentro da floresta, e começando a educação dos seus filhos aqui, que hoje tem escola, tudo que nós, o nosso movimento conseguiu criar, e agora é oficial, nossas escolas, preparar os filhos para a faculdade, nós estamos lutando também para que haja faculdade aqui*”.

“*A Reserva tem condição, se nós tivermos governos – municipal, estadual, federal – que deem o apoio necessário, a gente tem condição de fazer essa Reserva muito rica, além dos produtos naturais, que já tem na floresta, a gente tem condição de fazer o enriquecimento com as árvores nobres, com tudo que tem de útil. Aqui tem condição de você fazer um criame de abelha, você tem condição de fazer ‘n’ coisas aqui dentro*”.



Figuras 1 e 2: à esquerda, o sistema silvipastoril de pasto semi-sombreado com espécies arbóreas (seringa e castanha), banana, abacaxi e outras frutíferas; à direita, sistema mais recente consorciando banana, seringa, castanha e abacaxi. Xapuri – Acre. Outubro - 2019.



Figuras 3 e 4: explicando sobre o sistema silvipastoril e, à direita eles caminham entre os dois sistemas. Xapuri – Acre. Outubro - 2019

## 10. Assentamento Agro-extrativista Equador e as Lideranças Locais

Tivemos também a oportunidade única de participar de uma reunião que ocorreu no Assentamento Agro-extrativista Equador (uma área adjacente à Reserva Chico Mendes), com a presença de líderes de sindicatos de trabalhadores rurais, cooperativas, associações locais, incluindo colegas de Chico Mendes e o ex-governador do Acre, Jorge Viana. Naquela reunião, eles discutiram estratégias para lidar com a crise política em curso, recordaram a luta que haviam travado e venceram, discutiram o potencial de expansão da produção organizada, a afirmação da identidade extrativa e as estratégias para construir uma resistência organizada à os ataques das oligarquias rurais que ameaçam expropriar suas terras.



Figuras 5 – 8: Encontro de lideranças com a participação do ex-governador Jorge Viana. Projeto de Assentamento Agroextrativista Equador. Xapuri – Acre. Outubro - 2019

## 11. Seringal dois Irmãos e os Sistemas Agroflorestais

27/10/2019

A liderança nos apresentou a dois sistemas agroflorestais, de três hectares cada. Os dois têm a mesma data (2015), porém, enquanto um foi reflorestado a partir de uma área de pasto onde se produzia gado, outro foi produzido a partir de um roçado recente. O carro chefe nos dois sistemas são a seringa (*Hevea brasiliensis*) e a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*), são consorciadas com o cacau (*Theobroma cacao*), o açaí nativo (*Euterpe precatoria*), o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), banana (*Musa sp*), acerola (*Malpighia emarginata*) e graviola (*Annona muricata*). No início do sistema (primeiro ano), as áreas produziram mandioca, feijão, milho e banana para consumo e regeneração inicial do solo. Segundo este produtor, tem espécies que só são para produção (venda e subsistência) e espécies que são também para “serviço” (enriquecimento do solo, sombreamento, etc), como o ingá (*Inga edulis*) que não tem mercado, mas fornece nitrogênio ao solo e ainda é usado na alimentação local, e a banana para fazer sombreamento e evitar que germinem outras plantas indesejadas para o sistema. Enquanto as espécies arbóreas (como castanha e seringa) se desenvolvem, o sistema produz abacaxi e banana para consumo e comercialização. Segundo ele, a partir de sete anos, a seringa já começa a produzir a borracha, e depois a castanha do Pará a produzir frutos, de onde poderão tirar uma renda maior. O sistema (onde era roçado) é mais desenvolvido e mais denso que o primeiro, porque o pasto era uma área mais degradada do que uma roça recente (solo mais fértil e úmido). Usou o mesmo espaçamento entre os dois sistemas, mas o segundo está bem mais denso e alto. As mudas de ingá vieram de Rio Branco através de um projeto de estado do Acre (ligado a SEMA) – Viveiro da Floresta, e as mudas de castanha, seringa e outras vieram de um projeto de reflorestamento ligado ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), com sede nos EUA.



Figuras 9 e 10: Os dois sistemas agroflorestais implementados por: os dois têm 4 anos de implantação sendo que o primeiro (da esquerda) anteriormente era uma área de pasto degradado, enquanto o segundo (da direita) antes era um roçado recente (solo mais fértil) e por isso a vegetação mais densa. Xapuri – Acre. Outubro-2019

*“Enquanto as espécies arbóreas (como castanha e seringa) se desenvolvem, o sistema produz abacaxi e banana para consumo e comercialização. Eu tenho uma máquina para roçar que veio de um programa chamado PDC (Programa de Desenvolvimento Comunitário, criado pelo governador Bill Marques) que era questão do “Roçado Sustentável”. A outra experiência que deu certo, aqui, é o sombreamento, porque a seringa se desenvolve bem na sombra da castanheira, que o cacau se desenvolve bem na sombra da seringa e assim por diante, mas eu plantei aqui dentro algumas espécies para análise, porque certas espécies não dão na sombra, como graviola e acerola (espécies arbóreas frutíferas) que começaram a*

*se sufocar por não se desenvolverem bem na sombra. Mas por outro lado, a gente vai aprendendo que outras espécies saem bem na sombra, como o açaí solteiro e o cacau (que deu muito certo e hoje já está iniciando a floração). Eu faço esse esforço de mostrar e explicar esses sistemas para as pessoas. Aqui, tem duas parcelas que a UFAC usa p'ra estudar esses sistemas” (Produtor/extrativista e liderança; Resex Chico Mendes).*

## **12. Projeto RECA de Rondônia e os Sistemas Agroflorestais e Manejo Florestal Distrito Nova Califórnia (Rondônia)**

30/10/2019

A visita ao Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado) aconteceu na sede (onde se situa a loja, o escritório administrativo e as fábricas de polpa, óleos e palmito), no Seringal Santa Clara, distrito de Porto Velho, 360 km da cidade de Porto Velho. Distante da política de Porto Velho, passou a ser território oficialmente de Rondônia em 1997. Quem nos recebeu foi o Coordenador do RECA, agricultor e militante que participou do projeto desde sua criação. Participaram da mesma visita uma equipe de quatro membros da WWF. Pela manhã, foi projetado um vídeo contando a história e funcionamento do RECA, em seguida, abriu-se para perguntas e foram fornecidas algumas informações adicionais, resumidas a seguir.

O projeto RECA é uma experiência criada em 1988 por um grupo de produtores familiares vindos de diversas regiões do país, em Nova Califórnia, distrito de Rondônia e divisa com os estados do Acre e Amazonas. Estabeleceram-se naquele território através de um projeto fundiário do INCRA, “Alto Madeira”, diferente do projeto de assentamento regular. Os colonos que ali se estabeleciam tinham afinidades com os seringueiros que já estavam lá, principalmente em virtude da igreja católica e sindicato -“*CONTAG já tinha passado por aqui*”.

*“Na época, nós não entendíamos a luta de Chico Mendes, líamos no jornal que ele tinha bloqueado a construção da rodovia. Mais tarde, viemos entender que a luta dele nos beneficiou, principalmente através da explicação do Bispo Dom Moacir”* (Coordenador do Projeto RECA).

Começaram com cultivo de espécies florestais com potencial econômico, plantando árvores de forma consorciada e adensada, em sistemas agroflorestais (SAFs). A base dos primeiros SAFs do

RECA foram a castanheira, a pupunheira e o cupuaçuzeiro; hoje são cultivadas em torno de 20 espécies florestais. “*Depois de muita luta e persistência, são visíveis o resultado social e econômico das quase 300 famílias participando do projeto*”. Bispo Moacir emprestou 5000 dólares para que eles pudessem plantar castanha, cupuaçu e pupunha. Depois do assassinato de Chico Mendes, vieram várias entidades internacionais para a região, e uma fundação holandesa da igreja católica (SEDEMO) decidiu financiar o RECA (1989). “*O primeiro cheque veio sem ninguém assinar nada, depois o contrato era uma folha de disposições gerais*”. A igreja católica naquela época da ditadura militar canalizava as organizações sociais que fortaleciam os oprimidos e excluídos. O primeiro financiamento oficial veio em 1995, pelo FNO, 11 anos depois da fundação do RECA. A relação do percentual de florestas nas propriedades desse modelo de assentamento é o mesmo do Código Florestal federal (antes 50%, depois 80%).

Em relação ao funcionamento e filosofia da iniciativa, o coordenador enfatizou o caráter horizontal e participativo do RECA e o modelo colegiado de participação, além de princípios como solidariedade, fraternidade e amor. “*A chave do sucesso é que todo agricultor tem aquilo como ‘seu’ (pertencimento), se sentem senhores desse processo*”. Explicou que são muitos tempos a serem sincronizados: tempo técnico, tempo político, tempo burocrático, tempo da comunidade, e que para se ter sucesso, “*o adulto tem que baixar na altura da criança, e não o contrário*”.

A governança interna do RECA pareceu ter uma estrutura bem organizada, complexa e sofisticada, incluindo uma divisão de 11 grupos de agricultores, entre eles, Representante de mulheres, equipe administrativa permanente, associação, cooperativa, além do líder responsável pelo grupo de agricultores e a coordenação geral. Investem na formação de jovens e envolvimento de novas gerações, usando o conceito de “sucessão rural”.

Quanto aos desafios, foi mencionada a pressão da cadeia da pecuária, em virtude da liquidez do gado. Estão tentando instalar energia solar, mas sentem falta de assistência técnica. Em termos de superação, afirmaram que a grande conquista do RECA foi assegurar a comercialização dos produtos e garantir um retorno econômico. Atualmente, eles trabalham com vários mercados: palmito de pupunha (*Bactris gasipaes*) (vendido para Acre e Rondônia), polpas de frutas (vendido para sudeste e nordeste do país), castanha do Pará, óleo de andiroba para indústria de cosméticos. Mencionaram que a empresa Natura também é um grande parceiro que ajudou a organizar modo de produzir, ter selo de produção orgânica.

Na parte da tarde, mostraram-nos o complexo fabril, incluindo fábrica de polpa e fábrica de extração de óleos essenciais (andiroba, castanha, etc). Depois seguimos para visitar algumas propriedades de agricultores associados/cooperados ao RECA. Em seguida, visitamos duas propriedades de agricultores do RECA que implementam diferentes Sistemas Agroflorestais, em níveis de sucessão variáveis (anos de implementação de cada sistema) e consorciavam diferentes espécies arbóreas, em sua maioria frutíferas, mas também havendo castanha, andiroba e copaíba. A seguir as fotos ilustram as instalações e propriedades visitadas.



Figura 11: Fábrica de polpas do Projeto RECA. Nova Califórnia – Rondônia.  
Outubro - 2019



Figuras 12 e 13: Sistemas agroflorestais diversos, à esquerda um consórcio adensado de pupunha e cupuaçu com 6 anos de implantação, à direita um sistema de mais de 20 anos com predominância de castanha do Pará, andiroba e copaíba. Nova Califórnia – Rondônia. Outubro 2019.

## **Considerações finais**

As informações reunidas no trabalho de campo desempenhado no estado do Acre, em outubro de 2019, foram preliminares e serviram para entender o contexto histórico, as complexidades da dinâmica territorial, modelos de uso da terra, sistemas de governança local, além de começar a entender em profundidade algumas iniciativas identificadas como bem-sucedidas. Os temas que mais se destacaram durante este trabalho de campo foram: o Sistema de Incentivos a Serviços Ambientais (SISA), e seus desdobramentos; a governança indígena no Acre, incluindo fortalecimento político, formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas, Planos de Gestão Territorial Indígenas e o papel da CPI-Acre em todo esse processo; a COOPERACRE, cooperativa de seringueiros que, hoje, é responsável pela maior produção de castanha do Pará e que revolucionou a economia da castanha na região, agregando valor, conservando e melhorando a renda dos extrativistas; e o papel dos governos dos Povos da Floresta nos cinco mandatos seguidos do Partido dos Trabalhadores que geraram profundas transformações na governança ambiental do estado. As informações, aqui coletadas, serão usadas para refinar as questões de pesquisa e coproduzir conhecimentos que serão usados para entender e dar visibilidade a esquemas de conservação desenvolvidos localmente que sejam socialmente benéficos.

## AGRADECIMENTOS

A equipe do projeto AGENTES expressa seu profundo agradecimento a todos os participantes e colaboradores que receberam os pesquisadores deste projeto e, gentilmente, permitiram-nos conhecer as iniciativas desenvolvidas no município de Abaetetuba (Pará). Ressaltamos que o projeto seguiu as normas de éticas em pesquisa e solicitou todas as autorizações necessárias, bem como o consentimento dos participantes, via oral e/ou escrito, para divulgação de informações aqui descritas.

Essas iniciativas estão contribuindo para a conservação da biodiversidade, para desenvolvimento sustentável, para a difusão de tecnologias acessíveis, para turismo consciente ecologicamente, para a adoção de boas práticas de produção, e sobretudo, para a melhoria da qualidade de vida do povo amazônico. Conhecê-las, permite dizer ao mundo que ações sustentáveis estão acontecendo na Amazônia, e ainda observar a importância das organizações governamentais e não-governamentais no fortalecimento dessas atividades.

Parabenizamos, portanto, a todas as pessoas e organizações civis, públicas e privadas pelo importante trabalho que as mesmas vêm realizando nessa região em prol de um desenvolvimento regional mais sustentável. Entretanto, sabemos que muito ainda precisa ser feito para que o modelo de desenvolvimento voltado para agrossociobiodiversidade seja fortalecido e incorporado nas atividades econômicas da região Amazônica. Iniciativas nós já temos!

O projeto AGENTES é financiado pelo Programa de Pesquisa conjunto do Belmont Fórum e NORFACE sobre Transformações para a Sustentabilidade, co-financiados pela FAPESP (Brasil), NSF (Estados Unidos), NWO (Holanda) e VR (Suécia).

(Equipe AGENTES)



**Governança da Amazônia para Viabilizar Transformações para a Sustentabilidade (AGENTES)**

<https://agentes.casel.indiana.edu/>